



3. Referências

3.1. Periódicos:

‘Jornal do Brasil’, 30/07/1983.

Jornal ‘O Norte’, 27/06/1979.

3.2. Bibliográficas:

ABREU, Capistrano de. Capítulos de História Colonial: 1500-1800. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998.

ANDRADE, Manuel Correia de. A Terra e o Homem no Nordeste. 4a ed. São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1980.

ÂNGELO, Assis. Dicionário Gonzagueano, de A a Z. São Paulo: Trends, 2006.

AUSTREGÉSILO, José Mário. Luiz Gonzaga: o homem, sua terra e sua luta. Recife: Fase Faculdade, 2012,

CALMON, Pedro. História da Casa da Torre: uma dinastia de pioneiros. Rio de Janeiro: Jose Olympio: 1939.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1974.

CHAGAS, Luiz. Luiz Gonzaga. São Paulo: Martin Claret, 1990. (coleção Vozes do Brasil).

DREYFUS, Dominique. Vida do Viajante a Saga de Luiz Gonzaga. São Paulo: Editora 34, 2012.

MELLO, Frederico Pernambucano de. Estrelas de Couro: A Estética do Cangaço. 2ª Ed. São Paulo: Escrituras, 2012.

OLIVEIRA, Gildson. Luiz Gonzaga o Matuto que Conquistou o Mundo. 3a ed. Recife: Editora Comunicarte, 1991.

SÁ, Sinval. Luiz Gonzaga o sanfoneiro do Riacho da Brígida: Vida e andanças do Rei do Baião. 7ª edição, Brasília: Thesaurus, 1999.

ENTRE A TRADIÇÃO E A RUPTURA: O SERTÃO DOS INHAMUNS POR RONALDO CORREIA DE BRITO EM *GALILÉIA*

Emanuele de Freitas Freire
Graduada em História (UFCG)
emanueleffreire@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho se propõe a discutir, sob a perspectiva da História, o sertão apresentado pelo autor contemporâneo cearense Ronaldo Correia de Brito em seu romance intitulado *Galileia*, no qual o leitor é convidado a adentrar numa viagem pelo sertão dos Inhamuns, localizado no estado do Ceará, e conhecer parte da trajetória de uma família cujo



patriarca se encontra em seus últimos dias de vida. A trama desenvolvida por Brito percorre um sertão de múltiplas personagens e paisagens que transitam entre o imaginário tradicionalmente associado aos sertões nordestinos, ao passo que também evidencia outras perspectivas que buscam romper com essas visões. Nesse sentido, a discussão que aqui se propõe objetiva-se a refletir sobre as imagens dos sertões construídas na literatura contemporânea de Brito e em que medida elas reforçam ou rompem com ideários consolidados sobre esses espaços.

Palavras-chave: Literatura; Sertões; Tradição; Inhamuns.

1. INTRODUÇÃO

A arte literária, enquanto fonte histórica, compreende um rico elemento capaz de evidenciar aspectos diversos de uma determinada sociedade ou grupo, ainda que por meio da ficção. Nesse sentido, a História e a literatura apresentam uma relação de proximidade em múltiplos sentidos que podem ser explorados por estudiosos de diversas áreas.

Assim, a historiadora Sandra Pesavento (2006) pontua que o diálogo entre a história e a literatura deve ser compreendido não somente como a apreensão de um simples aspecto cultural capaz de refletir a realidade da sociedade que o produz. Para além disso, Pesavento toma como base o conceito de imaginário para discutir a proximidade que se estabelece entre a história e a literatura.

Neste viés, segundo a autora, para compreender a relação entre esses dois campos, é preciso trilhar pelos caminhos do imaginário, realizando um trabalho epistemológico capaz de romper, em parte, com as supostas barreiras que separam a ficção e realidade, ou mesmo o real e o imaginário. Todavia, é importante frisar que, compreender a realidade por meio do imaginário, não significa negar ou fantasiar o “real”, mas sim, evidenciar de que modo esses elementos, supostamente antagônicos, podem ser associados.

Para o crítico literário Antonio Candido (2012), a literatura se configura como parte essencial da experiência humana, e especialmente, como elemento humanizador. Nessa perspectiva, a literatura é apresentada enquanto algo que edifica e confirma a própria humanidade do ser. Portanto, entendendo-a como aspecto formador do homem, ao se debruçar sobre ela, é possível ter acesso às mais diversas nuances que caracterizam a vivência humana em sua profundidade.

Assim sendo, o presente trabalho parte da análise de uma obra literária, o romance *Galiléia* (2009), para construção de uma discussão acerca das representações a respeito do



chamado Sertão dos Inhamuns, sob o olhar do autor cearense Ronaldo Correia de Brito. Portanto, faz-se imperioso apresentar, em linhas gerais, a narrativa em questão, o espaço em que está situada a obra, como também o próprio autor.

O escritor e dramaturgo Ronaldo Correia de Brito nasceu na década de 1950, no município de Saboeiro-CE, o qual está situado na microrregião do Sertão dos Inhamuns, espaço que serve de inspiração para várias narrativas criadas por Brito. A obra do cearense percorre os mais diversos gêneros literários, tais como romances, contos e peças teatrais.

Localizada em um Nordeste que combina aspectos de um mundo contemporâneo e globalizado com o tradicional e o arcaico, a literatura de Brito chega a ser questionada quanto ao seu pertencimento, ou não à uma literatura regionalista. No entanto, o debate pretendido pelo presente artigo não se propõe a discutir tais questões.

A análise de *Galileia* (2009) proposta por este trabalho se detém a discutir como se constitui o imaginário a respeito do Sertão dos Inhamuns, apresentado na obra de Brito. Pontuando suas rupturas e continuidades no tocante às visões que comumente se associam à região Nordeste, que costumam caracterizar esta região como um espaço marcado pela condição climática da seca, como também pelo atraso intelectual de seus moradores.

O Sertão dos Inhamuns, microrregião socioeconômica situada no Estado do Ceará, o espaço em que se passa a trama ficcional de *Galileia*, se caracteriza como uma região que historicamente teve como principal núcleo socioeconômico as fazendas, elemento primordial no contexto da obra em questão.

Portanto, em suma, este artigo tem como objetivo geral apresentar a perspectiva de sertão de Ronaldo Correia de Brito, no contexto do romance *Galileia*. Para isso, realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico, por meio da qual foi possível compreender as principais características que marcam a obra de Brito, como também o próprio espaço da trama.

2. O SERTÃO É O BRASIL PROFUNDO: CHEGANDO NA GALILÉIA

A Fazenda Galileia não é só o ambiente principal da trama do romance em questão, ela é caracterizada pelos personagens da narrativa de uma maneira que a coloca como uma espécie de entidade, sendo praticamente uma personagem juntamente com os demais. É neste espaço que os três protagonistas da história são confrontados por suas memórias de um passado



que supostamente fora deixado para trás, como também por pessoas que, até então, estavam tão esquecidas quanto o próprio ambiente da fazenda.

Os primos Adonias, Davi e Ismael protagonizam a obra de Ronaldo Correia de Brito, e embora tenham como ponto de origem em comum a própria Fazenda Galiléia, cada um seguiu um rumo próprio e constituíram suas vidas em lugares diferentes, um deles parte para a Noruega, enquanto os demais permanecem no Brasil, nas cidades de São Paulo e Recife. O motivo que leva ao retorno dos primos à Galileia configura um elemento significativo no contexto da narrativa, uma vez que estes vão em busca do avô Raimundo Caetano, patriarca da família que se encontra na reta final de sua vida.

Assim, todo o percurso que envolve a volta dos primos à fazenda remete a um ambiente marcado pelo abandono e pela escassez, desde a viagem que antecede a chegada dos personagens ao destino final.

Uma velha caminha com uma lata d'água na cabeça. Até aquele momento, nunca soube de sua existência, e ela igualmente nunca soube de mim. O que pensa? Quantas vezes ela encheu as jarras de casa, desde menina, quando só podia com um balde ou um potezinho? (BRITO, 2009, p 84)

A chegada na Galiléia introduz uma série de personagens complexos que ajudam na construção de uma narrativa que apresenta os conflitos, segredos e contradições que marcam a existência da família de Raimundo Caetano. As personagens femininas da trama são particularmente interessantes e transitam entre uma certa submissão e as dificuldades de se impor em meio a um ambiente marcado pelo machismo.

Assim, uma das principais marcas da narrativa de *Galileia* são os conflitos, não somente os conflitos familiares propriamente ditos, mas também a própria relação conflituosa que os personagens principais possuem com esse local, algo que mescla um certo vínculo com uma relação de estranhamento profundo.

À medida que me afasto desse sertão dos Inhamuns, sem nunca virar-me, igualzinho fez Ló quando fugia de Sodoma, ele me transmite um apelo. Tapo os ouvidos com cera de carnaúba e fico surdo aos chamados. Se ouvires as vozes sertanejas, já não escutarás outras vozes. Melhor esquecer, seguir em frente. (BRITO, 2009, p 225)

3. PERCORRENDO OS INHAMUNS



A região do chamado Sertão dos Inhamuns, localizada no Estado do Ceará, abrange atualmente um total de cinco municípios, sendo eles: Aiuaba, Arneiroz, Parambu, Quiterianópolis e Tauá. Entretanto, essa delimitação está determinada, mais precisamente, na Lei Complementar Estadual nº 154, de 20 de outubro de 2015 que define as regiões do Estado do Ceará para fins de planejamento. Assim, alguns municípios que constam em algumas referências como pertencentes à região dos Inhamuns já não fazem parte de sua composição mais recente.

Caracterizando-se por ser uma região de baixa densidade populacional, o município de Tauá se destaca por ser o mais populoso, contando com um total de aproximadamente 61.223 habitantes (IBGE, 2022). As características climáticas dos Inhamuns são predominantemente semiáridas, e portanto, marcadas pela baixa pluviosidade, o que faz com que essa região seja uma das mais afetadas pelas estiagens.

No tocante às origens do povoamento da região, os Inhamuns pertenciam originalmente ao povo Jucá, conforme destaca o próprio Ronaldo Correia de Brito em *Galileia* (2009).

Transponho de volta a fronteira dos Inhamuns, as terras secas que há muitos anos se cobriam de pastos, nação dos Jucás. O sertão dos bandeirantes paulistas situava-se nas serras ou além delas, em florestas atlânticas onde eles grilavam índios, procuravam ouro, pedras preciosas, e caçavam animais de pele rara. (BRITO, 2009, p 225)

Assim, a ocupação desse território pelo branco se deu em grande parte por meio do desenvolvimento da atividade criatória, conforme apresenta Bezerra (2012), “a criação de gado visando o mercado do litoral açucareiro, e a agricultura de subsistência foram, desde o início da colonização dos Inhamuns, as duas atividades econômicas desenvolvidas (Bezerra, 2012, p 46).

Nesse sentido, a fazenda de gado se consolida como a principal instituição da organização socioeconômica dos Inhamuns, possuindo um papel que não se restringia à produção, desempenhando também uma função de organização social. Portanto, o lugar de destaque que essa instituição recebe na trama de Ronaldo Correia de Brito reflete a trajetória da formação socioeconômica dos Inhamuns em torno das fazendas.



3.1. O protagonismo da fazenda

Em seu trabalho intitulado *Notas sobre as Casas de Fazenda dos Inhamuns*, Maria do Carmo de Lima Bezerra (2012) aborda a importância da instituição da fazenda na região dos Inhamuns, desde os primórdios de sua colonização. Segundo a autora, a fazenda se constituía pelas terras de título legal, e sua demarcação quase sempre era imprecisa. (Bezerra, 2012)

A fazenda era a instituição mais importante para a reprodução das relações sociais, seja por meio de repressivos e despóticos, representados pela ação patronal, seja por meio de persuasivos com a educação. A grande maioria dos jovens dos Inhamuns recebiam sua única instrução educacional na fazenda, que era orientada conforme a posição que desempenharia na sociedade: fosse a de fazendeiro, vaqueiro ou morador. (BEZERRA, 2012, p 55)

Assim sendo, a casa do fazendeiro representava a verdadeira sede do poder daquele contexto. Sua localização geralmente se dava em local estratégico, em um ponto mais elevado, nas proximidades de um rio ou riacho, tendo em vista a necessidade de fontes de água para o desenvolvimento das atividades produtivas.

Este programa geralmente gravitava em torno da casa-grande, com destaque para o curral, localizado às vistas do patrão. As senzalas, quando existiam, ficavam próximas ao curral. Assim, se procurava garantir a posse dos bens de maior valia da unidade produtiva. (BEZERRA, 2012, p 53)

As casas dos moradores das fazendas, de modo geral, possuíam uma estrutura precária, com paredes feitas de taipa e materiais mais frágeis. Assim, a casa-grande se impõe diante das demais por sua estrutura diferenciada, com paredes de alvenaria e estética imponente. Portanto, a dimensão da casa do fazendeiro, enquanto núcleo de poder da fazenda se afirma, inclusive, por sua estrutura física.

Neste viés, ao afirmar que a própria instituição da Fazenda Galiléia assume um lugar de protagonismo na trama do romance de Brito, busca-se justamente enfatizar a importância que essa estrutura social possuía no contexto do Sertão dos Inhamuns, moldando de diversas formas as relações humanas que se constituíam ao seu redor. Nesse sentido, o romance *Galileia* aborda com muita proximidade o papel desempenhado pela fazenda na dinâmica da vida cotidiana dos Inhamuns.



Assim, a casa de fazenda pode ser entendida como elemento auxiliar para compreensão da formação social do criatório nos sertões dos Inhamuns. A repetição do modelo é fruto de sua adequação ao meio. Enquanto a sociedade, em constante evolução, não altera substancialmente os seus recursos materiais e intelectuais, ela guarda a mesma tipologia. (BEZERRA, 2012, p 58)

Imagem 1: Exemplo de casa de fazenda dos Inhamuns



Fonte: Disponível em: <https://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com/2014/05/antigas-fazendas-sertao-dos-inhamuns.html>

4. GALILÉIA: O SERTÃO DE RONALDO CORREIA DE BRITO

4.1. A decadência do patriarca

A Fazenda Galiléia representa na narrativa de Ronaldo Correia de Brito não só uma instituição familiar, mas sim, uma espécie de microcosmo que reúne toda uma comunidade em seu entorno. A principal figura de autoridade desse espaço é o patriarca Raimundo Caetano, avô dos protagonistas Adonias, Davi e Ismael, que se encontra na reta final de sua vida. A escolha do autor por retratar a grande figura masculina da família em seu leito de morte não deve ser interpretada como uma escolha casual. Haja vista que, a própria decadência de Raimundo Caetano pode ser lida por meio de uma associação entre o declínio da vida do patriarca com o da própria Fazenda Galiléia.

Nesse sentido, Raimundo Caetano, para além de um personagem, torna-se uma figura simbólica da própria imagem do fazendeiro e patriarca sertanejo. Um homem autoritário, machista e capaz de ditar, segundo suas próprias convicções, o caminhar da vida cotidiana dos indivíduos que o cercam.

Essa figura do grande proprietário de terras se faz presente em diversas obras da literatura nacional, dentre as quais é possível citar, a nível de exemplo, alguns personagens de



escritores como José Lins do Rêgo e Graciliano Ramos. Esses autores que servem de referência para o chamado “romance de trinta”¹, trazem em narrativas como *São Bernardo* e *Menino de Engenho*, personagens como Paulo Honório e o senhor de engenho José Paulino. Esses personagens, embora possuam aspectos distintos, representam, cada qual ao seu modo, as principais características do grande proprietário de terras, autoritário e influente.

Em *São Bernardo*, Graciliano Ramos desenvolve em Paulo Honório a imagem de um homem autoritário e violento, que se impõe sobre os demais por seu poder fundiário e financeiro. Já em *Menino de Engenho*, o paraibano José Lins do Rêgo traz no senhor de engenho José Paulino a figura do patriarca de uma família tradicional, influente, e por vezes, também autoritário. Cada um desses homens carrega de modo particular as características desse personagem típico da vivência sertaneja.

Em *Galiléia*, Raimundo Caetano é o grande chefe da família, entretanto, sua imagem retratada na obra de Brito não coincide com a de um proprietário influente, mas sim, com a de um senhor em decadência, que não só espera pela morte, como a anseia. Em determinado momento da trama, Raimundo Caetano suplica para o seu neto Adonias que o deixe morrer, e que não permita que os demais membros da família o internem em uma Unidade de Tratamento Intensivo.

Adonias, eu quero morrer. [...] Não deixe que Natane e Elias me levem para um hospital. Eles mandam me trancar numa UTI, pra não me verem morrer. [...]. Agora que vou morrer tudo é mais fácil. Enquanto é possível lutar, lutamos. Quando não é mais possível, entregamos os pontos. (BRITO, 2009, p 220)

O trecho em destaque é bastante significativo por apresentar o estado em que se encontra o patriarca da família. Raimundo Caetano reconhece sua própria derrota, fragilidade e incapacidade de lutar pela própria vida. Ele já não é mais o grande senhor que determina o caminhar da vida em suas terras, ou até mesmo em sua própria casa. Ao contrário dos personagens de *São Bernardo* e *Menino de Engenho*, ele não é representado nos seus dias de glória, mas sim na sua reta final.

¹ O “romance de trinta” pode ser compreendido como uma tendência literária que tinha como características uma literatura voltada para o regionalismo, como também para a denúncia social. (MARQUES e BUENO, 2015)



A escolha do autor em abordar a figura de Raimundo Caetano dessa maneira chama atenção, e permite interpretação de que Brito apresenta ao leitor a ideia de que esse patriarca autoritário e poderoso se encontra em processo de decadência, e, portanto, já não cabe mais na realidade atual.

Sempre rezei e temi a Deus. Memorizei as páginas desse Livro Sagrado, e castiguei meus filhos e netos com suas leis. Três anos numa cadeira de rodas me ensinaram a pensar diferente. Três anos apodrecendo abalaram minha fé. Não sou a fortaleza que pensam. Nunca fui. (BRITO, 2009, p 221)

4.2. As mulheres da Galiléia

Outro aspecto que merece destaque na narrativa são as personagens femininas. Considerando a importância que a figura masculina assume no contexto sertanejo, é comum atribuir a ideia de submissão à mulher. Entretanto, é essencial ressaltar que, mesmo em um cenário, aparentemente dominado pela presença do “cabra-macho”, as mulheres também conseguem subverter tais relações de gênero, e se impor diante de algumas situações.

Na trama de *Galiléia*, é possível perceber esse tipo de inversão por meio de algumas personagens, dentre as quais cabe mencionar a matriarca Maria Raquel, esposa de Raimundo Caetano. Apesar do casamento, a história deixa bastante claro que Maria Raquel e Raimundo Caetano não viviam, de fato, uma relação conjugal, ao contrário disso, ambos sequer conseguiam suportar a presença do outro. De modo que, a obra apresenta a visão completamente desromantizada da instituição do casamento, uma vez que o casamento dos avós sempre foi uma grande farsa.

Raimundo Caetano do Rego Castro e Maria Raquel Fonseca do Rego Castro, ao contrário do que se imaginaria, não eram sócios no próspero comércio de redes, competindo como dois inimigos na distribuição das manufaturas e nos lucros. Não emprestavam um novelo de linha um ao outro, nem sequer uma agulha de máquina. No começo, ninguém sabia a causa da disputa. Notaram quando Raquel passou a dormir longe de Raimundo, almoçar e jantar em mesa separada, apesar do convívio obrigatório debaixo do mesmo teto. Os dois trocavam palavras ocasionais, e na maior parte das vezes em que precisavam tratar de assuntos inadiáveis, faziam-no por intermédio de Tereza Araújo. (BRITO, 2009, p 61)

Portanto, Maria Raquel, embora cumpra o papel esperado de “esposa”, ao casar-se com Raimundo Caetano, ela não assume uma postura de submissão em relação ao seu marido, mas sim, de rivalidade e competitividade. Ademais, outra personagem que também vale a menção é



Tereza Araújo, com quem Raimundo Caetano manteve uma relação extraconjugal, chegando, inclusive, a ter filhos.

Embora Tereza estivesse em um lugar de poder completamente distinto do de Maria Raquel, a trama evidencia uma relação de respeito e associação estabelecida entre ambas. Considerando que Raimundo Caetano é apresentado no estágio final de sua vida, percebe-se que a gerência da Fazenda Galiléia, também decadente, fica nas mãos dessas duas mulheres.

Quando restaram na casa apenas Raimundo Caetano, a avó Raquel, Tereza Araújo e os dois rapazes Esaú e Jacó, ela entrou em decadência, ameaçando ruir sobre os donos. [...] Os quartos de dormir, as salas de estar e os terraços da casa foram ocupados por máquinas de costura e fiação. As mulheres romperam as prisões simbólicas, saíram para o mundo, quebraram as paredes do gineceu e as portas que as isolavam no claustro sombrio. Os tempos eram outros, homens e mulheres se ocupavam dos mesmos afazeres, invertia-se a antiga ordem patriarcal. (BRITO, 2009, p 60)

Portanto, mais uma vez cabe ressaltar a escolha do autor em retratar o patriarca tão decadente quanto a própria Fazenda Galiléia. Ao passo que, as figuras femininas acabam por tomar a frente dos negócios da família. Nesse sentido, essa inversão de papéis sugere uma ruptura com a ideia da mulher frágil e que permanece sempre em segundo plano, à sombra do marido autoritário, e cuja única função seria a criação dos filhos e os afazeres domésticos.

Todavia, é importante destacar que, embora Brito construa personagens femininas que, de certa forma, subvertem algumas dinâmicas de gênero tradicionais, elas ainda assim sofrem com as limitações do contexto opressor em que se encontram. Assim, Ronaldo Correia de Brito apresenta a complexidade dessas relações, demonstrando os mecanismos que, por diversas vezes, essas mulheres, supostamente submissas, utilizavam para se impor.

As casas e seus objetos provocam aspereza e tensão. O poder masculino dita as normas do desconforto, ninguém relaxa nem se entrega à preguiça. Sentamos empalados em cadeiras eretas. Por que as mulheres permitiram essa tirania? [...] Nossas mães e avós sujeitaram-se aos caprichos desses monges, que transformaram os aposentos em claustros, os quartos em celas, as casas em mosteiros. Investigo pistas do feminino camufladas em jarros de flores, louças de barro pintadas à mão, caramanchões de buganvília. Pequenos sinais de mulheres, aparentemente submissas, explodindo aqui e acolá. (BRITO, 2008, p 211)

4.3. “Melhor esquecer, seguir em frente”: A despedida da Galiléia



Desde a chegada na Fazenda Galiléia, até a despedida final do lugar, os protagonistas não escondem a aspereza transmitida pelo lugar, e o seu desejo de sair dali o mais breve possível. É perceptível que, embora Davi, Ismael e Adonias tenham se originado na Galiléia, aquele espaço não lhes desperta qualquer sentimento de nostalgia ou saudosismo.

Entretanto, fica aparente também a relação conflitante que esses personagens possuem com esse espaço. De modo que, ao mesmo tempo que os três buscam se desvincular da Galiléia a todo custo, também persiste um certo pertencimento com o lugar. Esse conflito interno que existe nos protagonistas sugere a dificuldade de se desvincular das raízes sertanejas, e da importância que a própria Galiléia teve para a construção das identidades de cada um. Portanto, mesmo decadente, a Fazenda Galiléia ainda resiste dentro daqueles que dela partiram.

A Galiléia e os restos da família ficam pra trás, às minhas costas. Quando vim, atravessei pelo meio da noite. Engolia um tranquilizante a cada quilômetro. Faço o caminho inverso, numa manhã de sol. O mundo reluz após vinte e um dias de chuva, tempo em que me encolhi indeciso, esperando que o avô morresse, mas ele não quis morrer. Preferiu continuar vivo, empestando o mundo com seu cheiro podre. (BRITO, 2009, p 225)

Portanto, a Galiléia representa essa imagem da decadência da fazenda de gado enquanto instituição central dos Inhamuns, como também, do declínio de toda uma organização social que se estruturava em torno dela. O patriarca doente, a família dispersa e desunida, e por fim, o empobrecimento da própria fazenda, são elementos que indicam a intenção do autor em retratar uma ruptura com um determinado modelo de sociedade típico dos Inhamuns.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é possível concluir que, considerando a importância que a instituição da fazenda de gado possuía no contexto social dos Inhamuns, Ronaldo Correia de Brito constrói na narrativa de *Galileia* (2009) uma ideia de ruptura com essa organização. Isso se apresenta de diversas maneiras no desenrolar da trama, a começar pela própria estranheza que os protagonistas sentem em relação ao lugar, como também pela decadência do dono da fazenda. Assim, é possível dizer que a perspectiva apresentada por Brito, é a de um sertão que ainda resiste, mas que já se desprende de diversos aspectos tradicionais que durante muito tempo marcaram sua sociedade.



REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Maria do Carmo de Lima. **Notas sobre as casas de fazenda dos Inhamuns**. Brasília: Senado Federal, 2012.
- BRITO, Ronaldo Correia de. **Galileia**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2008.
- CANDIDO, Antonio. **A literatura e a formação do homem**. Remate de males, 1999.
- IBGE. **Cidades e Estados- Tauá**. 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ce/taua.html>. Acesso em: 10 dez. 2023.
- MACÊDO, Heitor Feitosa. **ANTIGAS FAZENDAS - SERTÃO DOS INHAMUNS: A CASA DO ESTREITO**. 2014. Disponível em: <https://estoriasehistoria-heitor.blogspot.com/2014/05/antigas-fazendas-sertao-dos-inhamuns.html>. Acesso em: 14 dez. 2023.
- MARQUES, Ivan; BUENO, Luís. **Em torno do romance de 30**. Teresa, n. 16, p. 6-9, 2015.

FEITICEIRAS DO SERTÃO: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS PRÁTICAS E ESTEREÓTIPOS DAS REZADEIRAS NO NORDESTE

Thalyta de Paula Pereira Lima

Doutora em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba, professora da Escola Técnica de Saúde de Cajazeiras/ ETSC/CFP/UFPG

thalyta.paula@professor.ufcg.edu.br

Mariana Palácio de Melo

Graduanda do Curso de Licenciatura em História (UACS-UFPG)

mariana.palacio@estudante.ufcg.edu.br

RESUMO: As rezadeiras são descritas como pessoas idosas que possuem dons curativos e são conhecedoras de plantas e orações. Elas combinam conhecimentos de origens indígenas, africanas e europeias, dispoendo de um aparato religioso baseado no catolicismo popular. Seu ofício tem como objetivo extinguir determinadas mazelas espirituais e físicas por meio das chamadas benzeduras. Foram durante certo tempo procuradas pela parcela menos abastada da sociedade, pois representavam um dos poucos recursos de tratamento. Compreendendo a importância dessas figuras no cotidiano nordestino, objetiva-se discutir suas práticas, rituais e origens por meio de uma revisão bibliográfica. Interessa-nos ainda compreender os aspectos presentes na construção de seus estereótipos muitas vezes entrelaçados à bruxaria no Brasil.